



COMO A CRIANÇA CONSTRÓI CONHECIMENTO EM CIÊNCIAS NATURAIS PELA EXPERIÊNCIA

Renata da Penha Coelho Mata (UFR/ PPGEduc) – renata_penha_mata@hotmail.com
Paola Simone Alves da Silveira (UFR/ PPGEduc) -paolasilveira.s72@gmail.com
Wélida Katiane de Santos Sousa Lima (SEMED/ROO) – heitoramor_@hotmail.com
GT 9 - Educação, Infâncias e Crianças

Resumo:

O presente trabalho refere-se à disciplina Infância e Juventude na Contemporaneidade, do Programa de Pós-Graduação em Educação da (PPGEDU) onde as aulas ocorreram de forma remota e síncrona, via plataforma Google Meet, devido a pandemia do COVID-19 a qual todo o mundo enfrenta.

No decorrer das aulas os textos estudados deram bases para discutir a infância e a juventude como construção histórica e social, bem como conhecer algumas das concepções sociológicas dos estudos de infância e juventude. Para tanto, as crianças, devem ser estimuladas a desenvolverem sua autoestima, a cidadania e a ter autonomia, e isto, é resultado de experimentações infantis que acompanharão o ser humano por toda a sua vida. Assim, pensar na criança como ser que se expressa em qualquer ambiente nos possibilita pensar em como ela realiza contato com o mundo das ciências e, posteriormente, os demais conhecimentos sobre o lugar no qual está inserida. Utilizamos das leituras de Brandão (1989), antropólogo que nos traz suas definições sobre o que é educação, onde ela ocorre e de que forma acontece. O autor nos chama a atenção para pensarmos nos muitos-sentidos da educação e quais impactos que traz para todos nós.

Palavras-chave: Infância, Ciência, Vivências.

1 Introdução

No decorrer das aulas de Infância e Juventude, todas as temáticas propostas foram de grande relevância para que pudéssemos pensar na criança e o mundo em sua volta. Contudo dois grandes autores serviram de suporte para discussões sobre a infância sendo eles: Philippe Ariés (1981), com o livro *História social da criança e da família* e Carlos Rodrigues Brandão (1989) com o livro *O que é educação?* Também algumas leituras fora da disciplina, nos possibilitou uma melhor compreensão do tema. Nesse sentido, lemos Léa Tiriba (2005), Jorge Larrosa (2003) e alguns dos documentos legais que orientam o trabalho com esta etapa da educação.

Pensar em Educação Infantil nada mais é do que falar de infância, reconhecer e entender a criança em toda sua particularidade e especificidade, bem como sua história e todo seu percurso para entendermos de que sujeito realmente falamos.

Para tanto, encontramos em Ariés (1981) a definição do sentimento de infância que só passou a existir na modernidade. Entre os séculos XII e XVII a infância tomou diferentes rumos na sociedade em todos os aspectos, pois nesse período a criança era reconhecida como o ser que não falava. A história da criança contada por Ariés antes do século XVI nos traz uma concepção de criança como sendo um adulto em miniatura, percebida pelas suas vestimentas, vivências e marcas daquele meio em que a criança estava inserida:

[...] o sentimento de infância não existia o que não quer dizer que as crianças fossem negligenciadas, abandonadas ou desprezadas. O sentimento de infância não significa o mesmo que afeição pelas crianças: corresponde à consciência da particularidade infantil, essa particularidade que distingue essencialmente a criança do adulto, mesmo jovem. Essa consciência não existia (ARIÉS, 1981, p.156).

Desta forma as crianças diferenciavam-se dos adultos apenas no tamanho e na força, pois de resto eram submetidas aos afazeres domésticos e inseridas no mundo adulto em todos os aspectos. Com o passar do tempo esta visão de infância vai se desconstruindo e o sentimento de infância vai sendo construído aos poucos, consolidando-se na era moderna.

Um novo olhar passa a ser considerado pelas famílias, quando iniciaram uma preocupação com o futuro dos seus filhos. É nesse momento que os estudos de Ariés (1981) mostram como os artistas começaram a retratar por meio de pinturas a graciosidade, ternura e inocência das crianças, representadas por meio da figura de anjos. Assim, o panorama histórico e iconográfico da relação da criança com a sociedade permite-nos observar que houve gradativas transformações socioculturais.

Desta forma a infância passa por grandes mudanças entre a Idade média e a modernidade e diante dessas grandes mudanças refletimos um pouco sobre qual é a compreensão hoje que temos sobre o conceito de infância?

Ante ao exposto, hoje temos uma infância que é reconhecida por alguns documentos legais que norteiam os espaços que atendem a educação infantil, a exemplo do Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, 1998), que nos afirma que “as crianças possuem uma natureza singular, que as caracterizam como seres que sentem e pensam o mundo de um jeito muito próprio” (p.21). Durante o processo de construção do conhecimento, as crianças se apropriam de diferentes linguagens exercendo a capacidade que possuem de terem ideias sobre aquilo que procuram descobrir. Neste sentido:

(...) compreender, conhecer e reconhecer o jeito particular das crianças serem e estarem no mundo é o grande desafio da educação infantil e de seus profissionais. Embora os conhecimentos derivados da psicologia, antropologia, sociologia, medicina etc. possam ser de grande valia para desvelar o universo infantil apontando algumas características comuns da ser das crianças, elas permanecem únicas em suas individualidades e diferenças (BRASIL, p.22).

Nessa perspectiva, entende-se que se o indivíduo não nasce predeterminado, logo a educação que cada sujeito receber contribuirá para a sua formação humana, o que nos mobiliza a conceber com Vygotsky (2006), que a educação é um processo de humanização do sujeito, pressuposto também defendido por Brandão (1989) quando afirma que a educação é uma fração do modo de vida dos grupos sociais, que a criam e recriam, entre tantas outras invenções de sua Cultura. Este autor afirma que todos nós vivemos em situações que envolvem a aprendizagem seja na rua, em casa, escola etc., para ele a escola não é o único lugar que pode e deve ocorrer educação, nem o professor é o único mediador desse conhecimento, o que também não quer dizer que o professor não é o mediador.

Em sua tese de mestrado Ferreira (2018), mostra a partir dos relatos presenciados no decorrer de sua pesquisa, como as crianças se manifestam em suas brincadeiras estabelecendo conexões com outras crianças e com o meio em que está inserida. Dessa forma, a pesquisadora utiliza-se das contribuições da fenomenologia na tentativa de perceber a conexão que as crianças fazem das coisas com o mundo, na tentativa de “compreender um pouco mais sobre o significado e a simbologia das crianças no mundo, para que, compreendendo isso, possamos também pensar em como estamos, como nos movemos, quando as acompanhamos no cotidiano educacional” (p.35)

Nesse, sentindo pensar na criança e no seu olhar para o mundo, é pensar num ser que movimenta, expressa e sente, neste espaço que chamamos de ambiente, mas que é totalmente inteiro para elas. Lea Tiriba (2005) afirma que “a atração que as crianças têm pela vida ao ar livre, pelo contato com a natureza está relacionada ao poder de afecção que o mundo natural exerce sobre elas” (p. 165).

E é pensando nesta liberdade que a criança tem ao se expressar na natureza, que caminhos com a pesquisa na busca de compreender de que forma a criança construirá seu conhecimento nas ciências naturais pela experiência. Somos professores da educação Infantil e em nossa pouca experiência com a docência, sempre observamos a maneira com que as crianças procuram compreender as coisas que as

cercam: elas são persistentes, tentam, arriscam e nunca desistem até que se revele o que tanto buscam.

Considerando a Educação Infantil como um espaço fértil de descobertas, imaginação e indagações, nos questionamos: Como as crianças podem construir conhecimentos a partir do que lhe é curioso? De que forma elas se sentem desafiadas no seu cotidiano? Que experiências podem ser aproveitadas para serem enriquecidas pelo professor a partir de um olhar curioso que a criança oferece? Que conteúdos podem ser construídos pelas crianças a partir das experiências oportunizadas pela área de Ciências Naturais?

A concepção de educação tem se ampliado e a criança não é mais observada por um viés assistencialista e muito menos considerada uma tábula rasa. Devido a essas mudanças, a sociedade se depara com um novo painel educacional no qual é necessário considerar as experiências e a maturidade da criança, além do professor como mediador nesse processo.

Corroboramos com Arroyo (2004), quando destaca que os tempos mudaram e conseqüentemente as pessoas se transformaram, os conceitos são outros, as verdades não são as mesmas, a educação e os educadores precisam ser vistos com outros olhares e sobre outros ângulos. Para o autor, educar significa tornar o ser humano mais humano.

A Educação Infantil, primeira etapa da escolaridade básica, do ponto de vista legal, conforme se lê na Lei nº 9.394/96, art.29: “tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de zero a cinco anos de idade em seus aspectos físico, afetivo, intelectual, linguístico e social, complementando a ação da família e da comunidade (BRASIL, 2013, p. 83). Essa criança adentra a escola carregada de experiências sociais e psíquicas do seu meio, portanto considerar essa realidade é o primeiro passo para o ensino de ciências naturais mais significativo nessa etapa de ensino.

Considerações Finais

Em suma é preciso proporcionar às crianças aprendizagens significativas, lançando mão de uma aprendizagem bancária, com respostas prontas. Nesta abordagem, o professor mediador promoverá uma aprendizagem em que as crianças terão um olhar mais amplo e reflexivo sobre as coisas e o mundo que as cercam, transformando assim, a percepção de sua existência. Indubitavelmente, essa postura

do educador, além de possibilitar uma aproximação da criança com as ciências naturais, proporcionará um conhecimento sobre os fenômenos da natureza, compreendendo de forma simples e lúdica que as ciências naturais é uma área do conhecimento que possui uma linguagem que permite entender, melhor, o mundo. A partir desta concepção o educador tem um papel de extrema relevância, pois ele fará a mediação desta criança com o mundo, a fim de garantir que a criança se aproprie dos conhecimentos e de uma maior compreensão do lugar que habita.

Referências

ALMEIDA, Rogério de. **Educação Contemporânea**: a sociedade autolimpante, o sujeito obsoleto e a aposta na escolha. **EDUCAÇÃO: Teoria e Prática** - v. 20, n.34, jan.-jun.-2010, p.47-64. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/educacao/article/view/2850/2698> Acesso em 23/06/2021

ARIÈS, P. **História Social da Criança e da Família**. São Paulo: LTC, 1981.

ARROYO, Miguel G. **Imagens Quebradas**: Trajetórias e tempos de alunos e mestres. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

BRASIL. Ministério de Educação e do Desporto. **Referencial curricular nacional para educação infantil**. Brasília, DF: MEC, 1998.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil** / Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB, 2010.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. 19. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

FERREIRA, Bruna Galuccio. **Entre pausas e movimentos**: investigação sobre as estrelas do céu interior, Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação USP. 2018. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-17122018-125003/pt-br.php> Acesso em 28/05/2021.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana** – danças, piruetas e mascaradas. Belo Horizonte. Autêntica 2003.

MERLEAU-Ponty, Maurice. **A fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/0B2a3UynNKV2CUEFrQUMwWG1SOGM/view?resourcelkey=0-k5qVRM5pe90UTLM5lIpqvA>

TIRIBA, Lea. Crianças, Natureza e Educação Infantil - PUC-Rio. Trabalho apresentado na Anped no GT - 07 Educação de Crianças de 0 a 6 anos/ n. 07. Disponível em: www.anped.org